

Formação docente para inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio Integrado

Marli de Figueiredo Bezerra¹ 

Rodrigo Palucci Pantoni² 

Resumo

Neste artigo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa desenvolvida com o objetivo de promover ação de formação continuada voltada aos docentes, utilizando vídeos como ferramenta de mediação do processo de formação dos agentes educativos, no intuito de facilitar o processo inclusivo do aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista) no contexto da EPT (Educação Profissional e Tecnológica) nos cursos do Ensino Médio Integrado. Os participantes da pesquisa foram os docentes que atuam junto aos alunos com TEA nos cursos técnicos integrados ao ensino médio ofertados pelo IFSP e os membros do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário e realização de uma roda de conversa. A análise dos dados, por sua vez, contou com técnica de análise de conteúdo. Os resultados deste estudo permitiram identificar a formação continuada como um elemento indissociável à prática da inclusão na EPT, demonstrando que uso de vídeos pode otimizar as ações de formação permitindo ampla acessibilidade dos participantes e a ampliação dos espaços de formação para além ambiente institucional.

Palavras-chave: Educação Especial. Autismo. Formação de Professores.

Teacher training for inclusion of students with Autism Spectrum in Integrated High School

Abstract

In this article, the results of the research developed with the objective of promote continuing education action aimed at teachers, using videos as a tool for mediation of the process of training educational agents, in order to facilitate the process of students with ASD (Autism Spectrum Disorder) in the context of Professional and Technological Education in the courses of the Integrated High School. The participants of the research were the teachers who work with the students with ASD in the technical courses integrated into high school offered by IFSP and members of the Support Center for People with Specific Educational Needs (NAPNE). The collection of data was performed by applying a questionnaire and conducting a conversation wheel. The data analysis, in turn, relied on a content analysis technique. The results of this study have made it possible to identify continuing education as an inseparable element to the practice of inclusion in the EPT, demonstrating that the use of videos can optimize training actions allowing accessibility of participants and the expansion of training spaces beyond the environment institutional.

¹ Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP); Sertãozinho, São Paulo, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2936-2593>. E-mail: marli.fb1984@gmail.com

² Doutorado em Engenharia Elétrica, Universidade de São Paulo (USP); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP); Sertãozinho, São Paulo, Brasil; Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8644-7118>. E-mail: rpantoni@ifsp.edu.br

Keywords: Special Education. Autism. Teacher Training.

Formación docente para la inclusión de alumnos con Trastorno del Espectro Autista en la Secundaria Integrada

Resumen

Este artículo presenta y discute los resultados de la investigación desarrollada con el objetivo de promover acciones de educación continua dirigidas a los profesores, utilizando videos como herramienta de mediación en el proceso de formación de agentes educativos, con el fin de facilitar el proceso inclusivo del estudiante con TEA (Trastorno del Espectro Autista) en el contexto de EPT (Educación Profesional y Tecnológica) en cursos de Secundaria Integrada. Los participantes de la investigación fueron docentes que trabajan con alumnos con TEA en cursos técnicos integrados a la enseñanza media ofrecidos por la IFSP y miembros del Centro de Apoyo a Personas con Necesidades Educativas Específicas (NAPNE). La recolección de datos se realizó a través de la aplicación de un cuestionario y una rueda de conversación. El análisis de datos, a su vez, se basó en la técnica de análisis de contenido. Los resultados de este estudio permitieron identificar la educación continua como un elemento inseparable de la práctica de inclusión en la EPT, demostrando que el uso de videos puede optimizar las acciones formativas, permitiendo una amplia accesibilidad para los participantes y la ampliación de los espacios de formación más allá del ámbito institucional.

Palabras clave: Educación especial. Autismo. Formación de profesores.

Introdução

Há cerca de três décadas, a discussão sobre a inclusão escolar de alunos Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) ganhou espaço na legislação educacional brasileira. Desde então, o tema tem gerado debates sobre a efetiva implantação destas normativas. Pensar a inclusão no contexto das escolas brasileiras não é fácil, ao contrário, é luta constante. O processo demanda mudanças de toda comunidade escolar na busca pela superação das barreiras que dificultam o acesso e permanência escolar destes estudantes.

No que tange à inclusão de alunos PAEE na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), a Lei nº 13. 409/2016 (BRASIL, 2016) estabeleceu a reserva de vagas para alunos com deficiência nessas instituições. Essa normativa possibilitou que um número maior desses alunos tivesse acesso aos cursos ofertados nas diferentes modalidades de ensino, alterando sensivelmente o perfil dos alunos atendidos.

No entanto, no que se refere à inclusão escolar, muitos profissionais da educação se sentem despreparados para lidar com alunos PAEE e essa dificuldade tende a se acentuar quando se trata do atendimento e acolhimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Lemos *et al.* (2014, p. 19) analisaram o processo de inclusão escolar de crianças autistas a partir das considerações de

diversos estudos sobre o tema e verificaram que “[...] a ênfase dada aos prejuízos e limitações inerentes às características da síndrome torna esta prática questionável”. Observaram ainda que as especificidades do aluno autista “[...] têm sido utilizadas como justificativa para não inserção escolar de tais crianças”.

Outro aspecto que tem dificultado a inclusão escolar do aluno com TEA tem sido a escassez de estudos sobre o tema em algumas modalidades de ensino e etapas da educação. Pereira e Brito (2019), ao efetuar levantamento sobre o estado da arte de trabalhos acadêmicos relacionados à educação e autismo nos seis anos pós publicação da Lei 12. 764/12 (BRASIL, 2012), observaram que os estudos, em sua maioria, eram voltados para Educação Infantil e Ensino Fundamental I; nenhum dos trabalhos analisados tratavam da investigação sobre autismo e educação integral, omnilateral, emancipação ou mesmo sobre autismo e educação superior. Para os autores, a inexistência de trabalhos sobre esses temas reflete uma lacuna no processo educacional inclusivo brasileiro e levanta questionamentos a respeito da possibilidade de inserção desses estudantes no mercado de trabalho.

Frente ao contexto relativamente recente de discussões sobre as possibilidades de inclusão escolar de alunos PAEE na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e ainda mais incipiente no que diz respeito a inclusão dos alunos com TEA, emergiu a necessidade de se detectar como vem sendo realizado o processo de inclusão escolar dos alunos com TEA nos cursos técnicos integrados ao ensino médio ofertados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Essa detecção então, serviu como base para propor uma formação continuada que pudesse auxiliar o docente no desenvolvimento de ações de ensino-aprendizagem que favorecessem a inclusão desses estudantes. Afinal, considerando o cenário atual, pensar e viabilizar a inclusão do aluno com TEA na EPT, sob a ótica da formação integral e do preparo para o mundo do trabalho, apresenta-se como um caminho promissor não apenas para a inserção no mercado de trabalho, mas também como um elemento importante para emancipação humana destes indivíduos.

A escolarização de pessoas com deficiência é o caminho para sua inclusão social. Independentemente da alternativa educacional, o espaço da escola representa possibilidades de experiência de pertencer, ser aceito e respeitado. Assim, quando se fala do preparo da escola inclusiva é importante destacar a relação entre alunos e professores, pois as marcas que deixam podem fazer grande diferença (SHIMONO, 2008, p.109).

Assim, neste artigo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa desenvolvida, com o objetivo de promover ação de formação continuada voltada aos docentes do IFSP, utilizando vídeos como ferramenta de mediação do processo de formação dos agentes educativos, no intuito de facilitar o processo inclusivo do aluno com TEA no contexto da EPT nos cursos do Ensino Médio Integrado. Para tanto, investigou-se quais as percepções dos docentes do IFSP sobre o processo de inclusão de estudantes com TEA na EPT e quais as estratégias adotadas por esses profissionais no processo de ensino-aprendizagem. Os dados desta investigação subsidiaram a elaboração dos vídeos da formação e, posteriormente, na avaliação do produto educacional permitiram a reflexão sobre as possibilidades de melhoria do acompanhamento educacional do estudante com TEA na instituição.

Transtorno do Espectro Autista e Educação

O TEA possui especificidades que dificultam a sua caracterização e diagnóstico. Ao longo do tempo, as peculiaridades do transtorno têm mobilizado estudiosos na construção de uma literatura científica que propicie uma melhor compreensão sobre o tema (KLIN (2006), FADDA; CURY (2016), ALMEIDA; ALBUQUERQUE (2017)). Os estudos desenvolvidos apresentam-se como importante referencial para familiares e profissionais de diversas áreas no atendimento dos sujeitos diagnosticados com TEA.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V (APA, 2014) define o TEA como um transtorno que afeta o neurodesenvolvimento infantil. Manifesta-se “cedo no desenvolvimento, em geral antes da criança ingressar na escola, sendo caracterizado por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional” (APA, 2014, p.31). Segundo o DSM V (APA, 2014), o transtorno apresenta como principais características, a presença de déficits persistentes na comunicação social, déficits persistentes na interação social em múltiplos contextos e manifestação de padrões restritivos e repetitivos de comportamento. Tais características variam em níveis de gravidade a depender do grau de comprometimento da comunicação social e da manifestação de comportamentos restritivos e repetitivos.

O processo de inclusão escolar de alunos com TEA ganhou espaço nos estudos acadêmicos e científicos no país, sobretudo após a publicação da Lei nº 12.764/12 (BRASIL, 2012), que estendeu às pessoas diagnosticadas com o transtorno os direitos assegurados às pessoas com deficiência, dentre eles o direito ao acesso à educação na rede regular de ensino. A análise das publicações sobre a inclusão escolar de alunos com TEA demonstra que as investigações realizadas sobre este tema procuram efetuar uma avaliação ampla e sistêmica das dificuldades encontradas por alunos e profissionais da educação, tanto no acesso como na efetivação das políticas públicas de amparo a esses estudantes.

Dentre os aspectos relevantes à inclusão escolar de alunos com TEA, a formação docente sobressai como elemento basilar do processo de escolarização desses estudantes, bem como de outros grupos de alunos PAEE, pois, em muitas instituições, recai sobre esses profissionais a responsabilidade de desenvolver e implantar as ações que viabilizam o rompimento de barreiras atitudinais, metodológicas e curriculares. Nesse contexto, a inclusão de alunos com TEA se converte em grande desafio para atuação docente, tendo em vista que.

A singularidade e, ao mesmo tempo, a diversidade de conceitos sobre a síndrome nos fazem percorrer caminhos ainda desconhecidos e incertos sobre a melhor forma de educar essas crianças e sobre o que podemos esperar efetivamente de nossas intervenções (SERRA, 2008, p. 14).

A matrícula de um aluno com TEA na escola costuma gerar insegurança nos profissionais que atuam na instituição, muitas vezes, ocasionada pela falta de conhecimento sobre o transtorno e dúvidas sobre as potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem deste estudante; no entanto, é preciso enfatizar que “[...] os comprometimentos apresentados pelas crianças autistas nas áreas de socialização, comunicação e comportamento não as impedem de desenvolver seu aspecto cognitivo” (SANTOS; CHAVES, 2017, p.17).

Tenente (2017) verifica que professores demonstram receio quanto ao comportamento instável do aluno com TEA e sentem-se frustrados quando não notam alterações comportamentais positivas que permitam avaliar se as estratégias pedagógicas adotadas no cotidiano da sala de aula estão exercendo efeito na inclusão deste estudante. Por outro lado, Schmidt *et al.* (2016), ao analisar as pesquisas publicadas sobre o tema nos últimos anos, observam um sentimento de despreparo

dos professores para atuação junto a alunos diagnosticados com o transtorno. Por essa razão, poucos realizam adaptações pedagógicas adequadas que possibilitem a participação e interação deste estudante nas atividades em sala de aula. Para os autores essa insegurança e despreparo estão relacionados a lacunas na formação inicial e ausência de formação continuada destes profissionais.

Bosa (2006) ao discorrer sobre o comportamento de crianças diagnosticadas com autismo, ressalta que a observação de suas ações é fundamental para realização de intervenções na convivência diária e enfatiza a importância do convívio do autista com as demais crianças, uma vez que as interações sociais contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo destes sujeitos. O pensamento da autora está em consonância com as teorias defendidas por Vygotski (1991), que aponta a influência do ambiente e da interação social no desenvolvimento da criança. Para o autor, a apreensão do conhecimento e do ordenamento social perpassa pela presença necessária do outro, “[...] essa estrutura complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (VYGOTSKI, 1991, p. 24).

Ao analisar o processo de desenvolvimento da criança com deficiência Vygotski (2011) reitera a importância da interação social para o desenvolvimento destes sujeitos.

[...] é no desenvolvimento psicológico natural da criança e no seu meio circundante, na necessidade de comunicação com esse meio, que se encontram todos os dados necessários para que se realize uma espécie de autoignição do desenvolvimento cultural, uma passagem espontânea da criança do desenvolvimento natural ao cultural (VYGOTSKI, 2011, p. 868).

Nesse sentido, Cunha (2019), ao discorrer sobre os aspectos da inclusão escolar de crianças com TEA, propõe que as intervenções educacionais destinadas a estes estudantes sejam direcionadas não apenas a sua formação acadêmica, mas também a sua formação social e humana.

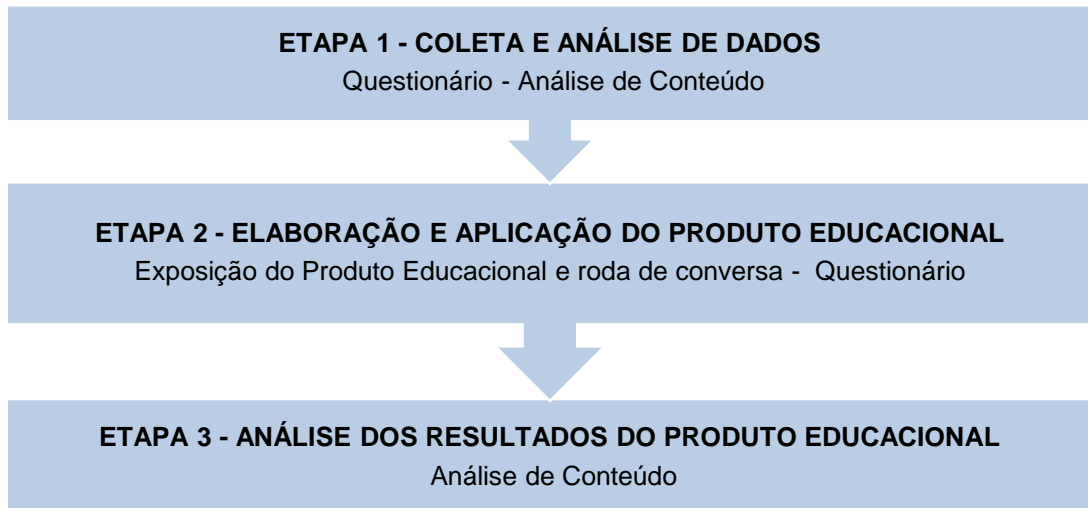
É indispensável que o currículo extrapole as concepções de déficit e torne a prática pedagógica rica em experiências educativas nas relações humanas. Transforme as necessidades do aprendente em amor pelo movimento de aprender e construir. Conceda-lhe autonomia e identidade. O caminho da educação está no aprendente (CUNHA, 2019, p. 53).

Quanto à trajetória escolar dos alunos diagnosticados com TEA, os estudos revelam o aumento de número de matrículas, porém demonstram que há dificuldades na efetivação das políticas públicas de inclusão escolar. Silva (2014) investigou o processo de escolarização de alunos com TEA no município de Campinas e observou divergências relacionadas à idade e o ano escolar cursado por esses alunos e acentuada defasagem de aprendizagem desses estudantes. Neste aspecto, a descontinuidade da trajetória escolar de alunos com TEA demonstra que uma vez garantidas as condições de acesso à escola por meio das políticas públicas de inclusão. Assim, é preciso desenvolver condições de permanência para que esses estudantes se desenvolvam social, cultural e profissionalmente. Tais ações de permanência escolar do aluno devem envolver a participação não apenas do professor, mas de toda a comunidade escolar e da família.

Metodologia

Este estudo privilegiou o método qualitativo como metodologia geral de coleta e análise de dados por entender-se que esta abordagem possibilitava maior eficácia na compreensão do tema investigado. Minayo (2014) aponta que o método qualitativo é ideal para as pesquisas de caráter social em virtude do alto grau de proximidade entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. Nesse sentido, Triviños (1987) destaca que a pesquisa qualitativa possibilita a observação da realidade social e cultural de indivíduos ou grupos, e acrescenta que nesse processo os aspectos quantitativos e qualitativos não estão dissociados um do outro, ao contrário, muitas vezes esses métodos podem ser utilizados de forma complementar. A Figura 1 apresenta a síntese do percurso metodológico da pesquisa.

Figura 1 - Síntese da metodologia.



Fonte: Autoria própria (2022)

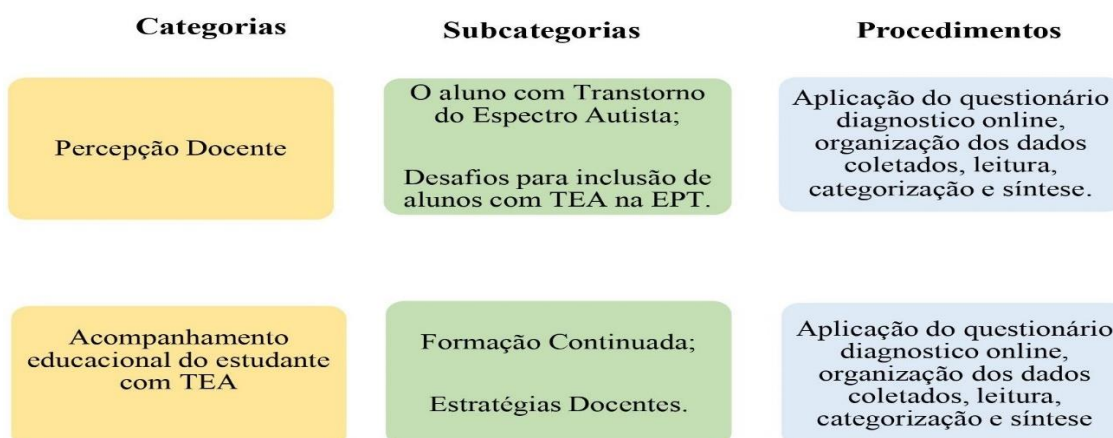
O desenvolvimento deste estudo foi realizado em três etapas. A primeira contou com a participação de 12 docentes que atuam junto a alunos com TEA matriculados em cursos do Ensino Médio Integrado em diferentes *campi* do IFSP. Nesse primeiro momento, foi aplicado um questionário diagnóstico para verificação das percepções docentes sobre a inclusão de alunos com TEA na EPT e identificação das estratégias adotadas por estes profissionais no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com TEA. Para Gil (2008), há vantagens no uso do questionário já que esse instrumento de coleta de dados “[...] permite que as pessoas o respondam quando julgarem mais conveniente” e “não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado” (GIL, 2008, p.122).

A análise de dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo seguindo as orientações de Gomes (2002, p. 75 - 6) que subdivide este processo em quatro etapas essenciais “[...] pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação”.

Por meio de um processo cuidadoso de leitura e síntese os dados coletados foram organizados em categorias, procurando estabelecer unidades de sentido que pudessem facilitar a discussão e compreensão das informações. O trabalho de organização das categorias e subcategorias na primeira etapa da pesquisa foi concebido a partir de três grandes categorias prévias que orientaram a coleta de dados, foram elas: percepções docentes sobre a inclusão escolar de estudantes com

TEA na EPT, ações e estratégias adotadas pelos docentes no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA e desafios e dificuldades da inclusão escolar de estudantes com TEA no Ensino Médio Integrado. Em um segundo momento, a partir das informações obtidas por meio da análise de conteúdo dos dados coletados foram surgindo elementos que permitiram a revisão e reorganização dos dados em duas categorias e quatro subcategorias, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 - Categorias e Subcategorias Levantamento Diagnóstico.



Fonte: Adaptada de Silva (2021).

A segunda etapa do estudo, foi dedicada à elaboração e aplicação do produto educacional e utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário avaliativo e roda de conversa com docentes de alunos com TEA e membros do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) de um *campus* do IFSP. Esta fase do estudo contou com 4 participantes da primeira etapa da pesquisa, que avaliaram o produto educacional mediante preenchimento e envio do questionário e 4 participantes na roda de conversa, sendo eles, 3 docentes e 1 servidor administrativo. Dentre os docentes participantes da roda de conversa, 2 já haviam participado do levantamento diagnóstico e 1 não era membro do NAPNE.

Os participantes da roda de conversa também foram convidados a avaliar os vídeos do produto educacional por meio do questionário, no entanto, somente 1 encaminhou o questionário avaliativo preenchido. Para avaliação do produto educacional por meio do questionário os participantes da primeira etapa da pesquisa receberam, via *e-mail*, orientações sobre o processo de avaliação dos vídeos e o *link*

de acesso à *playlist* de vídeos e ao questionário. Já a roda de conversa foi mediada pela pesquisadora, nela foi apresentada a sequência dos 5 vídeos do produto educacional e em seguida realizada a discussão sobre os temas abordados nos vídeos. A utilização da roda de conversa, como um dos instrumentos de aplicação do produto educacional e coleta de dados, possibilitou a criação de um espaço de diálogo e colaboração que contribuiu significativamente para compreensão dos aspectos envolvidos na organização do acompanhamento educacional do estudante com TEA na EPT e para melhoria dos vídeos desenvolvidos.

Por fim, a terceira etapa destinou-se à avaliação dos resultados do produto educacional. Para tanto, foram analisados os dados obtidos na roda de conversa e aplicação do questionário avaliativo *on-line* utilizando-se a técnica de análise de conteúdo. Nesta etapa, optou-se pela não definição de categorias prévias para análise de dados, no entanto, a partir da leitura, releitura e análise de conteúdo dos dados recolhidos, os resultados puderam ser organizados em duas categorias (aspectos organizacionais do produto educacional e contribuições do produto educacional) e duas subcategorias (pontos fortes e pontos fracos do produto educacional pertencente a categoria “aspectos organizacionais do produto educacional” e trilhando caminhos para inclusão de alunos com TEA no IFSP pertencente a categoria “contribuições do produto educacional”). Os resultados das etapas 1 e 3 do estudo serão apresentados nas próximas seções.

O estudo desenvolvido foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa - (CEP-IFSP), por meio do processo nº 38989220.6.0000.5473, registrado na Plataforma Brasil.

Percepções e estratégias de inclusão do aluno com TEA no IFSP

A análise das percepções docentes sobre o aluno com TEA se fundamentou em dois pontos principais, o primeiro relacionado ao conhecimento desses profissionais sobre as características do transtorno e o segundo à percepção dos professores sobre as possibilidades de inclusão do estudante com TEA na EPT. Segundo Bosa e Baptista (2002), a discussão sobre a prática educacional ou mesmo clínica junto aos indivíduos com TEA perpassa necessariamente pela caracterização destes sujeitos. Neste sentido, a autora reforça que é importante buscar informações

a respeito de quem são os chamados autistas, sobre como estes indivíduos têm sido descritos ao longo da história e sobre os profissionais envolvidos no processo de atendimento destes sujeitos e as propostas de intervenção.

Na caracterização realizada pelos docentes, observou-se uma clara referência à tríade de sintomas do TEA elencadas tanto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM – V (APA,2014) como em autores como Klin (2006), Mecca *et al.* (2011) e Duarte *et al.* (2016), que apresentam como principais características do transtorno a existência de comprometimentos nas áreas da comunicação e interação social e a ocorrência de padrões comportamentais restritos e/ou repetitivos. Alguns profissionais realizaram a caracterização partindo de uma visão mais individualizada do aluno com o transtorno, para tanto, basearam -se nas suas experiências no trabalho pedagógico com o estudante em sala de aula. Apenas um docente apontou possibilidades/potencialidades de desenvolvimento cognitivo e/ou educacional a partir da identificação e encaminhamento adequado do estudante autista.

Para Orrú (2013), há riscos na padronização dos diagnósticos do autismo, com consequente impacto no processo de escolarização dos alunos com o transtorno. Segundo a autora, ao se atribuir um rótulo ao indivíduo inicia-se o processo de sua desumanização, “[...] neste parâmetro o indivíduo é concebido como um autista (aquele que detém o quadro sintomático da síndrome) e não como pessoa (com singularidade e individualidade) com autismo” (ORRÚ, 2013, p.1424).

Assim, no planejamento e organização do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com o transtorno o conhecimento individualizado das especificidades do aluno, é fundamental que o professor possa encontrar caminhos para o desenvolvimento de sua prática pedagógica, pois “[...] a qualidade do trabalho em sala de aula inicia-se pela descoberta do aluno: o que ele faz, deseja e como aprende” (CUNHA, 2020, p. 54). Deste modo, ao iniciar o seu trabalho junto ao aluno com TEA “a melhor coisa que o professor poderá fazer será observar seu aluno, atentar para suas ações”.

Quanto às possibilidades de inclusão escolar de alunos com TEA na EPT, os docentes afirmaram a viabilidade e necessidade de participação dos estudantes nessa modalidade de ensino, entretanto, observaram que há alguns fatores condicionantes para efetiva participação destes indivíduos. Para esses profissionais, a capacitação

de professores, a parceria entre escola e família e a orientação da equipe multiprofissional são apontados como elementos essenciais à organização do acompanhamento educacional do estudante com TEA.

Indagados sobre os desafios para inclusão de alunos com TEA, os professores relataram dúvidas quanto a criação de espaços de aprendizagem e interação que pudessem proporcionar vivências escolares de colaboração e participação entre o aluno com TEA, o professor e os demais estudantes. No cotidiano de atendimento ao aluno com TEA, os docentes apontaram também inquietações com relação ao processo de ensino-aprendizagem do estudante, especialmente no que tange à avaliação da aprendizagem e ao trabalho com conteúdo mais específicos e que exigem um certo grau de abstração.

Sobre estes aspectos, Cunha (2020) ressalta que não há fórmulas prontas para inclusão do aluno autista e, é a partir do conhecimento sobre o estudante que o professor encontrará os meios para realização de sua prática educativas. Segundo o autor, por meio de um processo contínuo de observação, avaliação e mediação o educador poderá planejar intervenções pedagógicas mais efetivas.

Frente as dificuldades relatadas pelos professores, o Plano Educacional Individualizado (PEI), enquanto documento institucional de acompanhamento educacional de alunos PAEE no contexto do IFSP, apresenta-se como um referencial importante para a organização do acompanhamento do estudante com TEA, já que permite o desenvolvimento de estratégias individualizadas de ensino-aprendizagem. Além disso, a promoção de espaços de interação entre docentes, equipe pedagógica, estudante e sua família para troca de informações e experiências podem trazer *feedbacks* importantes sobre o aprendizado do estudante não apenas em uma disciplina ou conteúdo específico, assim como sobre a evolução de todo seu percurso acadêmico.

No que se refere às estratégias adotadas pelos docentes, ao serem questionados sobre a necessidade de realização de adaptações no processo de ensino aprendizagem de estudantes com TEA matriculados nos cursos do Ensino Médio Integrado ofertados pelos IFSP, para 50% dos participantes havia necessidade de realização de adaptação do conteúdo, 58.3% relataram necessidades de adaptações ambientais, 33.7% indicaram a necessidade de adaptações nas formas

de comunicação e 66.7%, por sua vez, informaram que era necessário elaborar atividades diferenciadas para o estudante. Uma vez identificadas as necessidades do aluno, os docentes apontaram que tem sido priorizadas ações que envolvem adequações metodológicas e ambientais que permitam ao estudante compreender melhor os conteúdos das disciplinas dos cursos e adaptar-se à rotina da sala de aula.

As estratégias adotadas pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem do aluno com TEA denotam a existência do cuidado dos profissionais não somente no que se refere ao aprendizado, mas também com fatores relacionados à socialização e adaptação ao ambiente escolar. Ainda assim, na abordagem destes aspectos observou-se que as ações realizadas têm sido organizadas tomando como ponto de partida as especificidades do TEA e não do aluno, visando a superação das principais barreiras que podem ser desencadeadas pelo transtorno (dificuldades de comunicação, interação e comportamentais), num esforço ainda inicial de promoção da inclusão deste estudante no espaço da EPT.

Produto Educacional

Os estudos vinculados aos mestrados profissionais na área de ensino possuem como elemento obrigatório, a elaboração de um produto educacional resultante da pesquisa científica sobre o tema investigado. Segundo as diretrizes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o mestrando deve:

[...] desenvolver um processo ou produto educativo e utilizá-lo em condições reais de sala de aula ou de espaços não formais ou informais de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, uma exposição etc. (BRASIL, 2013, p. 24- 25).

Neste estudo, após a análise dos diferentes formatos de produto educacional permitidos pela CAPES, optou-se pela elaboração de um material no formato de vídeos, pois verificou-se que nos últimos anos tem se ampliado a utilização de vídeos não só nas áreas da comunicação, mas também na área educacional como ferramenta pedagógica de mediação utilizada pelo professor junto aos alunos para facilitar o processo de aprendizagem.

O uso dos recursos midiáticos, em especial o vídeo, pode ser considerado um excelente instrumento pedagógico. A partir dele podemos abordar, por meio da exibição ou da produção, temas diversos de forma interdisciplinar. O vídeo em sala de aula possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, e a partir da exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados. A partir desse conjunto de possibilidades, o professor pode conduzir o aluno a aprendizados significativos que fomentem princípios de cidadania e de ética (SILVA; MERCADO, 2010, p. 94).

Morán (1995, p. 27), ao analisar os benefícios do uso de vídeos na sala de aula verifica que esta ferramenta “[...] aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana. Além disso, introduz novas questões no processo educacional”. Nesse processo, a utilização de vídeos pode trazer vantagens tanto para o aluno quanto para o professor.

Para Cinelli (2003) a utilização de vídeos no contexto escolar pode ser direcionada tanto à capacitação do professor quanto ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, pois essa ferramenta apresenta elementos que permitem a disseminação de mudanças culturais e a discussão de problemas específicos relativos ao ambiente escolar.

A opção pela criação dos vídeos foi motivada pela versatilidade de utilização deste formato de material e pela possibilidade de atingir um público mais extenso interessado na temática da inclusão escolar de alunos com TEA na EPT, já que os vídeos poderiam ser disponibilizados e divulgados em diferentes plataformas digitais disponíveis na internet.

O produto educacional deste estudo tratou-se de uma série de cinco vídeos (com cerca de cinco minutos de duração), com orientações e encaminhamentos para o acompanhamento educacional de alunos com TEA matriculados nos cursos técnicos integrados ao ensino médio. O material foi elaborado usando como referência as informações obtidas por meio do questionário diagnóstico aplicado junto aos docentes do IFSP que ministram aulas para alunos com TEA, conforme ilustrado no Quadro 1. Os vídeos têm acesso livre e gratuito por meio da lista de reprodução https://youtube.com/playlist?list=PLUe_XBMXQV14mwSo9ZxykG3zYnDUUhRaW.

Quadro 1 - Síntese das informações do produto educacional

Tópicos	Motivo	O que foi abordado?
----------------	---------------	----------------------------

Introdução	Necessidade de contextualizar o âmbito da pesquisa não apenas para os docentes, mas para os interessados na temática abordada.	Contextualização do âmbito de atuação do IFSP e as ações voltadas ao acesso e permanência de alunos PAEE na Rede Federal de Ensino.
NAPNE	Os docentes apontaram a existência de equipe multiprofissional como um dos elementos essenciais à organização do acompanhamento educacional do estudante com TEA.	Caracterização do NAPNE; Objetivos do NAPNE; Composição do NAPNE; Parceria NAPNE, Coordenadoria Sociopedagógica e Equipes de Formação Continuada.
Caracterização do TEA	Ampliar as informações sobre a caracterização do TEA.	Informações sobre as características do TEA e como ela podem se manifestar no dia a dia dos indivíduos com o transtorno; Orientações para que os profissionais se atentem para especificidades do aluno para que possam identificar suas necessidades e potencialidades.
Plano Educacional Individualizado - PEI	Docentes apontaram inquietações com relação ao processo de ensino-aprendizagem do aluno com TEA, especialmente no que tange à avaliação da aprendizagem e ao trabalho com conteúdo mais específicos e que exigem um certo grau de abstração.	Caracterização do PEI; Estrutura do documento; Importância da construção coletiva do PEI.
Estratégias de ensino-aprendizagem de alunos com TEA.	Docentes relataram dúvidas quanto a criação de espaços de aprendizagem e interação que pudessem proporcionar vivências escolares de colaboração e participação entre o aluno com TEA, o professor e os demais estudantes.	Sugestões de estratégias para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA.

Fonte: Próprios autores, a partir de dados da pesquisa (2021)

Nos vídeos foram apresentados a contextualização do âmbito de atuação do IFSP e as ações para inclusão de alunos PAEE na RFEPCT, a estrutura de apoio para o acompanhamento educacional de estudantes com necessidades educacionais específicas no IFSP, a caracterização do TEA, informações sobre o PEI e sugeridas algumas estratégias para organização do processo de ensino-aprendizagem do estudante com TEA. Em todas as etapas foi enfatizada a importância do trabalho colaborativo entre docentes e equipe pedagógica para organização e desenvolvimento de estratégias de ensino-aprendizagem voltadas ao aluno com TEA.

Discussão

Para além da discussão sobre as possibilidades de inclusão de alunos com TEA nos cursos do Ensino Médio Integrado, o produto educacional do estudo visou contribuir também para ampliação do debate sobre inclusão escolar na EPT e no IFSP. A aplicação do produto educacional, em especial a roda de conversa realizada com docentes e membros do NAPNE de um dos *campi* do IFSP, suscitou a discussão sobre as fragilidades dos mecanismos institucionais adotados para organização do acompanhamento educacional de alunos PAEE e sobre as possibilidades de melhoria no atendimento destes estudantes.

Os vídeos foram idealizados pensando-se não apenas em apresentar aos agentes educativos dos estudantes com TEA as características do transtorno e as possibilidades de intervenção pedagógica, mas em explicitar a estrutura disponível no IFSP para o acompanhamento educacional de alunos PAEE. Neste ponto, os participantes do estudo avaliaram de forma positiva o material com as informações sobre os mecanismos institucionais voltados ao fomento e execução das políticas de inclusão na instituição. Por outro lado, embora reconhecessem a relevância desses mecanismos para o processo de acompanhamento educacional de alunos com necessidades educacionais específicas no IFSP, na concepção dos participantes esta estrutura reflete o desenho de um “modelo ideal” de organização das ações de inclusão, porém na prática o seu funcionamento precisa ser repensado e reestruturado para que de fato possa beneficiar os alunos atendido na instituição.

No que se refere à atuação do NAPNE, foi explicitada a preocupação com a ausência de profissionais capacitados ou com formação na área de educação especial para atuar no Núcleo. A ausência destes profissionais tem maior impacto na realização do acompanhamento educacional de casos de alunos que demandam a disponibilização de recursos mais complexos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. A regulamentação do NAPNE (Portaria Normativa RET nº 8/2021 (IFSP, 2021), prevê a participação obrigatória de alguns perfis de servidores (assistentes sociais, pedagogos, psicólogos, técnicos em assuntos educacionais etc.), sendo que estes perfis já possuem atribuições distintas previstas em outros

regulamentos (Resolução nº 138/2014 (IFSP, 2014), Resolução nº 41/2015 (IFSP, 2015) etc.

Para os docentes, a atuação do NAPNE é incluída na jornada como complementação de carga horária, uma vez que a prioridade são as atividades de regência de aulas. Assim, o trabalho do NAPNE é dificultado devido ao acúmulo de função dos servidores técnico-administrativos e docentes e, portanto, no contexto atual, faz-se urgente a mobilização para contratação de profissionais com atuação exclusiva no NAPNE e com formação específica na área de educação especial para atuar no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Outro elemento explorado nos vídeos sobre o acompanhamento educacional de alunos com necessidades educacionais específicas realizado nos *campi* do IFSP foi a organização e elaboração do PEI. Este documento constitui-se em uma ferramenta importante de mapeamento de informações sobre as necessidades e potencialidades dos alunos acompanhados pelo NAPNE, possibilitando a individualização do processo de aprendizagem destes estudantes. O vídeo “Plano Educacional Individualizado - PEI” apresentou as etapas da construção do documento, as possibilidades de encaminhamento do estudante e reforçou a importância da parceria entre escola e família no processo de escolarização de alunos com TEA. Na percepção da maioria dos participantes, o vídeo contribuiu satisfatoriamente para o entendimento sobre a importância do PEI, podendo assim, mobilizar os agentes educativos a participar mais efetivamente da construção do documento. No entanto, do ponto de vista destes profissionais, o formato atual do PEI precisa ser revisado, pois a sua elaboração não tem garantido a melhoria das ações de acompanhamento do aluno.

A organização do PEI adotado no IFSP permite o levantamento do histórico pessoal e educacional do estudante, a aproximação escola, família e aluno, assim como a realização de encaminhamentos e parcerias com serviços externos de saúde, de apoio educacional e psicossocial, bem como a elaboração coletiva das intervenções pedagógicas voltadas ao estudante. A Instrução Normativa nº 001/2017 (IFSP, 2017) estabelece que o PEI deve ser avaliado continuamente para verificação dos saberes desenvolvidos e avaliação da necessidade de reformulação do acompanhamento do aluno. Assim sendo, uma vez identificada a ausência de

benefícios para o processo de ensino-aprendizagem do aluno é possível discutir e reformular as práticas pedagógicas adotadas.

Frente à situação relatada pelos participantes da pesquisa, além da melhoria no acompanhamento educacional do aluno por meio da revisão periódica do PEI é preciso que se ressalte junto a toda a comunidade escolar que o processo de escolarização de alunos PAEE e execução das estratégias contidas no documento “[...] requer um trabalho coletivo e colaborativo entre todos os atores envolvidos, que precisam estar em concordância com as metas e objetivos traçados no PEI, pois todos são responsáveis pelas suas ações” (SONZA; VILARONGA; MENDES, 2020, p. 20). Quanto à caracterização do TEA, nos vídeos foram indicadas as principais características do transtorno procurando estabelecer relação com situações do cotidiano. Além disso, considerando os diferentes níveis de gravidade do TEA foi enfatizada a importância do olhar do professor sob o aluno, pois é a partir do conhecimento sobre suas especificidades que o docente poderá realizar a mediação pedagógica visando a construção de novos conhecimentos e a melhoria da socialização do estudante dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, as informações disponibilizadas no vídeo puderam contribuir para uma melhor compreensão do TEA, movimento este que pode facilitar a realização de intervenções pedagógicas e a inclusão deste estudante no espaço escolar.

Os vídeos apresentados também receberam uma avaliação positiva no que se refere à apresentação de informações sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que pudessem ser utilizadas nas ações de acompanhamento educacional do estudante com TEA tanto pelos docentes quanto pela equipe pedagógica das unidades de ensino. Ainda assim, coube reforçar que as ações de acompanhamento destes estudantes precisam ser pensadas a partir do conhecimento de suas especificidades, necessidades e do contexto escolar onde o aluno está inserido.

A promoção da inclusão escolar em qualquer espaço escolar implica na realização de mudanças, num redirecionamento do nosso olhar sobre o aluno, sobre o currículo e sobre as formas de ensinar e avaliar a aprendizagem do estudante. Na EPT, é preciso que os agentes educativos compreendam que esta modalidade de ensino possui como um de seus pressupostos mais importante a oferta de uma educação de qualidade para todos, esta “[...] educação unitária pressupõe que todos

tenham acesso aos conhecimentos, a cultura e as mediações necessárias para trabalhar para produzir a existência e riqueza social” (RAMOS, 2008, p.2). Assim, em sua prática educativa, os profissionais precisam entender e abraçar a diversidade dos estudantes atendidos nestas instituições, quer sejam eles alunos PAEE ou não.

Neste sentido, na avaliação dos participantes da pesquisa os vídeos do produto educacional, acompanhado de discussões sobre as possibilidades de intervenções pedagógicas junto aos estudantes com TEA, possibilitaram sensibilizar os agentes educativos a pensar a inclusão destes estudantes no IFSP.

No contexto da EPT, pode-se verificar que a consolidação das políticas públicas inclusivas perpassa pela formação continuada dos docentes e pela realização de ações educativas voltadas a toda comunidade escolar. Em relação à atuação do professor, Mantoan (2015), ressalta que é imprescindível o preparo docente para atuar na perspectiva da educação inclusiva. No entanto, a autora reforça que esta formação não pode se limitar a treinamentos e aplicação de métodos e técnicas para aprendizagem do aluno, ao contrário, a formação do professor para inclusão escolar deve permitir a este profissional “[...] ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis” (MANTOAN, 2015, p. 81).

A despeito das dificuldades e desafios narrados tanto na etapa de levantamento diagnóstico quanto na avaliação do produto educacional, ressalta-se que os relatos dos participantes não implicavam na constatação da total ineficiência das ações e dos mecanismos institucionais de inclusão de alunos com TEA ou de outros grupos de alunos PAEE adotados no IFSP, ao contrário, houve o reconhecimento de que os investimentos necessários nestas estruturas (reformulação de documentos, ações educativas de sensibilização da comunidade escolar, profissional para atuar no AEE, Tradutor Intérprete de Libras etc.), é possível promover e efetivar uma política de inclusão na instituição. Neste aspecto, ações de formação continuada, como esta realizada na aplicação do produto educacional do estudo, podem contribuir não apenas para sensibilização sobre as possibilidades e potencialidades da inclusão de alunos com TEA nos cursos ofertados pelos IFSP, mas também para o engajamento dos agentes educativos na reflexão coletiva sobre as práticas educativas e os

caminhos possíveis para consolidação de uma cultura de inclusão no contexto da EPT.

Considerações finais

Este estudo visou ampliar o debate sobre a inclusão escolar de alunos com TEA na EPT, tomando como ponto de partida as percepções e as práticas educativas de docentes que atuam junto a este público no IFSP. Para tanto, a partir das informações obtidas no levantamento diagnóstico sobre o processo de inclusão escolar desses estudantes foi desenvolvido um produto educacional no formato de vídeos voltado a formação continuada dos profissionais que atuam no processo de ensino-aprendizagem do aluno autista.

Os resultados do levantamento diagnóstico revelaram que as representações sociais dos docentes acerca do aluno com TEA estavam pautadas nos aspectos clínicos e nas limitações do transtorno, poucos profissionais relataram as suas percepções sobre o TEA baseados na sua experiência de trabalho e/ ou nas especialidades do estudante. Ainda assim, para estes profissionais é viável a inclusão escolar destes estudantes na EPT, sendo necessário, no entanto, o desenvolvimento de ações de formação continuada dos agentes educativos, o apoio de equipes multidisciplinares no acompanhamento educacional do aluno, o envolvimento da família e o estabelecimento de uma cultura de inclusão e de respeito à diversidade nas instituições que se dedicam à oferta desta modalidade de ensino.

Na perspectiva de atendimento das demandas de formação/informação dos profissionais que atuam na EPT, a elaboração de materiais educativos no formato de vídeos possui o potencial de otimizar as ações de formação continuada e atividades educativas tanto nos aspectos da acessibilidade quanto temporal, permitindo que os vídeos sejam disponibilizados e acessados em diferentes plataformas digitais, ampliando os espaços de formação para além do ambiente institucional.

Durante a avaliação do produto educacional pode-se observar que o material apresentado contribuiu para o entendimento do processo de acompanhamento educacional de alunos PAEE no IFSP e para melhor compreensão do TEA. Ressalta-se, no entanto, que na elaboração dos vídeos, embora tenham sido indicadas algumas estratégias para o acompanhamento educacional do aluno (organização da rotina

escolar, divisão de conteúdos em pequenos blocos, utilização de horários de atendimento etc.), estes temas não foram aprofundados na intenção de evitar que o material pudesse adquirir um aspecto de guia ou manual voltado à padronização do acompanhamento educacional de um público tão heterogêneo de alunos.

Considerando as especificidades do TEA, destacou-se a importância da ampliação do universo de estudos sobre a inclusão escolar de alunos com o transtorno na EPT, com enfoque especial na análise da elaboração e execução do PEI e nas contribuições desta modalidade de ensino no processo de inserção destes estudantes no mundo do trabalho e na continuidade da escolarização em outras etapas de ensino visando a sua autonomia, cidadania e participação social.

Os resultados deste estudo permitiram identificar desafios e possibilidade da inclusão escolar de alunos com TEA na EPT. Neste espaço de investigação pode-se apurar que a formação continuada é um elemento indissociável à prática da inclusão. Portanto, sob muitos formatos e em múltiplos espaços formar para sensibilizar, conscientizar, respeitar e incluir revelou-se um caminho promissor para compreensão do outro e para o desenvolvimento de práticas educativas mais democráticas.

Referências

ALMEIDA, C. M; ALBUQUERQUE, K. Autismo: importância da detecção e intervenção precoce. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 1, p. 488-502, 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/autismo>. Acesso em: 02 jun. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- V)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, C. A; BAPTISTA, C. R. Autismo e educação: atuais desafios. *In*: BOSA, C. A; BAPTISTA, C. R. (Org.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

BOSA. C. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 28, supl. 1, p. 47 -53, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>.

BRASIL. **Lei nº 12. 764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. **Documento de área 2013**. Avaliação trienal 2013. Brasília, DF: Fundação CAPES, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br> . Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13. 409 de 28 de dezembro de 2016**. Dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm. Acesso em: 23 ago. 2021.

CINELLI, N. P. F. **A influência no vídeo no processo de aprendizagem**. 2003. 72 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85870/192679.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão escolar**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

DUARTE, C. P. *et al.* Diagnóstico e intervenção precoce no transtorno do espectro do autismo: Relato de um caso. *In*: CAMINHA, V. L. *et al.* (Org.). **Autismo**: vivências e caminhos. São Paulo: Edgar Blücher, 2016.

FADDA, G. M; CURY, V. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 411-423, 2016. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i3.30709>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: Minayo, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Resolução nº 138 de 04 de novembro de 2014**. Aprova o regulamento da Coordenadoria Sociopedagógica. São Paulo: IFSP, 2014. Disponível em: https://ptb.ifsp.edu.br/images/sociopedagogico/Resol_138_Aprova%20Regulamento%20Sociopedaggico.pdf. Acesso em: 26 jun.2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Resolução nº 41 de 02 de junho de 2015**. Altera a Política de Assistência Estudantil (PAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. São Paulo, IFSP, 2015. Disponível em: https://cbit.ifsp.edu.br/images/Documentos/Resolu%C3%A7%C3%A3o_41_2015_Assist%C3%Aancia_Estudantil.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Instrução Normativa nº 001 de 20 de março de 2017**. Estabelece orientações para identificação e acompanhamento, pelo NAPNE, do estudante com necessidades específicas. São Paulo, IFSP, 2017. Disponível em: https://vtp.ifsp.edu.br/images/Documentos_Institucionais/Instrucoes_Normativas/IN-PRE/2017---Instruo-Normativa-PRE-001---Orientaes-ao-NAPNE.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Portaria Normativa RET. nº 8 de 28 de junho de 2021**. Dispõe sobre o regulamento do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e revoga a Resolução nº 137 de 04 de novembro de 2014 São Paulo, IFSP, 2021. Disponível em: https://cbt.ifsp.edu.br/images/PORT_NORMATIVA_RET_008_Aprova_Regulamento_do_Nucleo_de_apoio_as_pessoas_com_necessidades_especificas_PRE.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

KLIN, A. Autismos e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 28, supl.1, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>.

LEMOS, E. L. M. D. *et al.* Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre a interações sociais no contexto escolar. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, v. 20, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000100009>.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** 1. ed. São Paulo: Sammus, 2015.

MECCA, T. *et al.* Rastreamento de sinais e sintomas de Transtorno do Espectro do Autismo em irmãos. **Rev. Psiquiatr.** Rio Grande do Sul, n. 2, v. 33, p.116-120, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082011000200009>.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação.** v. 2, n. jan./abr. p. 27-35, 1995. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p27-35>

ORRÚ, S. E. O perigo da supervalorização do diagnóstico: rótulos introdutórios ao fracasso escolar de crianças com autismo. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 04, n. 01, 2013. <https://doi.org/10.18673/gsv4i1.23001>.

PEREIRA, G. T. M; BRITO, W. A. Estado da arte sobre autismo e educação integrada. **Revista Anápolis Digital**, Anápolis, v.8, n.1, 2019. Disponível em: <https://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/vol8/08.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RAMOS, M. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, 08 e 09 de maio. 2008. Disponível em:

http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 30 jul. 2022

SANTOS, T. P.; CHAVES, V. E. J. Autismo e educação: os desdobramentos da inclusão escolar. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusion, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4256>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SCHMIDT, C. *et al.* Inclusão Escolar e Autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, 2016.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872016000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2022.

SERRA, D. C. G. **Entre a esperança e o limite**: um estudo sobre a inclusão de alunos com autismo em classes regulares. 2008. 124 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100017>

SHIMONO, S. O. **Educação e trabalho**: caminhos da inclusão na perspectiva da pessoa com deficiência. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062008-162039/publico/DissertacaoSumiko.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022

SILVA, R. V.; MERCADO, E. L. O. O vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano. **Rev. EDaPECi**, São Cristóvão, n.6, dez. 2010. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/602>. Acesso em: 2 jun. 2022

SILVA, M. V. T. **Trajetórias escolares de alunos com Transtorno do Espectro Autista e expectativas educacionais das famílias**. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em:

<https://acervus.unicamp.br/index.html>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SILVA, E. C. L. **Proposta de formação para processo inclusivo dos alunos com dificuldades e transtornos de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica em cursos técnicos integrado ao ensino médio**. 2021. 171 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Sertãozinho, 2021. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=10311234. Acesso em: 02 jun. 2022.

SONZA, A. P.; VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Os NAPNEs e o Plano Educacional Individualizado nos Institutos Federais de Educação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.33, 2020.

<https://doi.org/10.5902/1984686X52842>

TENENTE, L. B. **A visão da escola sobre a inclusão de crianças com autismo**. 2017.190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19962/2/Luiza%20Bonemer%20Tenente.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861 – 870, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a12v37n4.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

Recebido: 02/09/2021

Aprovado: 03/06/2022

Publicado: 09/06/2022

Como citar (ABNT): BEZERRA, M. F.; PANTONI, R. P. Formação docente para inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio Integrado. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 8, e182622, 2022.

Contribuição de autoria:

Marli de Figueiredo Bezerra: Conceituação, metodologia, administração de projeto, supervisão, escrita (edição e revisão).

Rodrigo Palucci Pantoni: Conceituação, metodologia, administração de projeto, supervisão, escrita (edição e revisão).

Editor responsável:

Iandra Maria Weirich da Silva Coelho.

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional

